

Entre Deus e o rato: o divino e a experiência mística em “Perdoando Deus” de Clarice Lispector

Between God and the rat: the divine and the mystical experience in “Perdoando Deus” by Clarice Lispector

Douglas Santana Ariston Sacramento
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
douglas.ariston.18@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2211-2401>

RESUMO

Clarice Lispector (1929-1977) publicou diversos gêneros literários, e, entre eles, o conto se destaca como uma produção ampla e de fôlego. O presente artigo almeja analisar um conto da autora intitulado “Perdoando Deus”, o qual retrata o contato da narradora com o divino ao caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro e o momento em que sente algo que não sabe nomear. A partir disto, a personagem acaba pisando em uma representação deste Deus que surge na forma de um rato morto. Logo, o artigo se estenderá sobre a temática da experiência mística que percorre todo o conto, trazendo a concepção de “experiência interior”, do filósofo francês Georges Bataille (2016), e, em seguida, analisará qual faceta de Deus (com base na Bíblia) a narradora encontra e que está sendo evocada dentro da narrativa na forma de um rato, animal considerado impuro.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Deus; Experiência Mística; Literatura e Religião.

ABSTRACT

Clarice Lispector (1929-1977) published several literary genres and among them the short story stands out as a broad and breathtaking production. This article aims to analyze a short story by the author entitled “Perdoando Deus” (Forgiving God), which portrays the narrator’s contact with the divine when walking through the streets of Rio de Janeiro and the moment in which she feels something she cannot name. From this, the character ends up stepping on a representation of this God, who appears in the form of a dead rat. Therefore, the article will expand on the theme of the mystical experience that runs throughout the story, bringing the conception of “inner experience” by the French philosopher Georges Bataille (2016), and will then analyze which facet of God (based on the Bible) the narrator encounters and which is being evoked within the narrative in the form of a rat, and animal considered unclear.

Keywords: Clarice Lispector; God; Mystical Experience; Literature and Religion.

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre a teoria literária sempre há questionamentos sobre a definição de literatura ou do papel desta, sendo este um nó górdio de muitas disciplinas dos cursos de Letras. Antoine Compagnon (2009), por sua vez, durante um seminário ministrado no College de France, local conhecido por ser um berço para a produção intelectual europeia, discorre sobre a utilidade da literatura. O autor, fazendo um percurso histórico sobre a abordagem das narrativas nas universidades francesas, conclui que existem caminhos para compreender a grande pergunta que intitula a discussão: *Literatura para quê?*

Assim sendo, o intelectual francês esboça três premissas sobre a importância da literatura. A primeira está vinculada à experiência e à vivência humana que inspiram o escritor na produção narrativa; a segunda é sobre a possibilidade de reverter mecanismos de poder e desestabilizar normas sociais impostas e dadas como normais (ou seja, a literatura tem o poder de rasurar as estruturas); e a terceira dialoga sobre como a literatura transforma a linguagem e, conseqüentemente, transforma o comum em particular, como ocorre com o poeta.

O poeta dispõe do poder não mais arcaico, mas moderno – como atesta a evocação da fotografia –, de desvelar uma verdade que não seja transcendente, mas latente, potencialmente presente, escondida fora da consciência, imanente, singular, e até aí, inexprimível (Compagnon, 2009, p. 47).

Deste modo, a literatura traz à tona algo que está inserido no mundo e na vivência dos sujeitos em sociedade, e adiciona uma nova visão sobre esses fatos, mostrando que existe um processo de aprendizado sobre o próprio sujeito, suas subjetividades e a sociedade na qual está inserido. Como aponta Compagnon (2009, p. 31), a literatura seria um “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento de homem e do mundo”.

Portanto, neste contexto acerca da relação da literatura com o homem e o mundo, apontando para um descortinamento de verdades e mecanismos que regem a sociedade, isto é, produzindo rupturas ou a perpetuação de tais discursos, a escritora Clarice Lispector apreende como um bom exemplo, pois existe um *modus operandi* que é produzido nas suas obras literárias, visto que o sujeito é desnudado para se movimentar e produzir ações dentro das narrativas.

Clarice Lispector nasce na Ucrânia, mas chega ao Brasil ainda na infância, instalando-se em Recife com sua família; posteriormente, ela viaja o mundo e retorna para morar no Rio de Janeiro. Extremamente talentosa, Lispector passou por diversos gêneros literários – romances, contos, cartas e crônicas –, publicações que possuem sempre novas edições para atualizar o gosto dos leitores brasileiros pela escritora.

Para além disso, Clarice Lispector é conhecida pelas frases de efeito que lotam as redes sociais e por ter uma narrativa que retrata de temas existenciais do sujeito, repleta de fluxos de consciência e imagens emblemáticas – como a personagem G.H. comendo uma barata, no romance *A Paixão Segundo G.H.*

Observa-se, assim, que existe uma relação entre a narrativa clariciana e a própria vida da escritora. Na crônica “Submissão ao processo”, por exemplo, Lispector (2018b) esboça que sua produção literária sempre irá trazer à tona o interior do sujeito, assim como o seu viver e o seu modo de viver, que nem sempre é belo:

O processo de viver é feito de erros – a maioria essenciais – de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, e *de repente aquilo que se pensou que era “nada” – era o próprio contato com a tessitura do viver* – e esse instante de reconhecimento (igual a sua revelação precisa ser recebido com a maior inocência, com a inocência do que é feito (Lispector, 2018b, p. 544, grifo nosso).

Esse contato com “a tessitura do viver” que, em princípio, surge como algo corriqueiro e passa despercebido, pode ocorrer de modos diferentes dentro da produção literária clariciana, desnudando a possibilidade de entender a vida e, para além disso, questionando instituições sociais que têm um discurso aprisionador. Tal dinâmica ocorre com o objeto deste artigo, o conto “Perdoando Deus”, presente no livro *Felicidade Clandestina*, publicado pela primeira vez em 1971.

O livro *Felicidade Clandestina* apresenta contos que já tinham sido publicados em outros locais e, como aponta o biógrafo Benjamin Moser (2011), com um teor autobiográfico, como é o caso de alguns contos que narram acerca da infância de Clarice Lispector em Recife. Deste modo, havia uma relação sobre fatos da vida da escritora – nesse livro em específico – e a sua produção literária:

Muito de sua obra era autobiográfico, mas raras vezes sobre lembranças da infância no Recife. Ela quase nunca escrevera sobre si própria tão literalmente,

preferindo esconder-se por trás de seus personagens ou no interior de suas alegorias. Quando aparecia, era nas colunas de jornal ou nos pequenos textos, como os da segunda metade de *A Legião Estrangeira* (Moser, 2011, p. 534, grifo do autor).

A literatura clariciana tem em seu bojo experiências e questionamentos da própria autora. Com isso, o conto a ser analisado neste artigo, “Perdoando Deus”, retrata uma mulher que andava a esmo na rua e pisa num rato morto, e, a partir deste momento, ela tem um contato com o divino, que se apresenta para ela na forma do rato morto. Esse contato místico da personagem ocorre por meio de questionamentos e do entendimento da figura de Deus para ela, portanto, ela encontra e se horroriza com “a tessitura do viver” (Lispector, 2018b, p. 544).

O presente artigo visa analisar como o conto “Perdoando Deus” pode ser interpretado como uma experiência mística – trazendo a concepção da experiência interior (Bataille, 2016) – e almeja compreender que imagem de Deus é essa que a personagem encontra materializada no rato morto.

ENCONTRANDO DEUS

Dentro das teorias sobre experiência mística existe sempre uma discussão que leva a temática para o local de questionamento, mesmo o tema estando ancorado nos estudos sobre as religiosidades existentes. Para teóricos que estudam a mística, houve um momento em que não se dava o devido crédito, o que resultou num afastamento da academia ou do campo teológico, pois a temática era “colocada sob suspeita e olhada com desconfiança” (Bingemer, 2020, p. 90).

Contudo, é preciso compreender que, quando se fala sobre religião, a experiência mística faz parte desse campo, afinal, sempre houve uma necessidade do sujeito em ter um contato direto com as divindades, mas a experiência mística leva o sujeito num âmbito mais profundo dessa vivência, como aponta a pesquisadora Maria Clara Bingemer:

[...] [a mística na contemporaneidade] é o fato da existência de uma sensibilidade que busca a experiência direta com o mistério da Realidade última. E essa busca de experiência direta já não apresenta contornos institucionais nítidos, mas, pelo contrário, aponta para uma *tendência transreligiosa, em que o contato buscado se dá com o fundo mais profundo, o segredo último da realidade, que nós chamamos Deus* (Bingemer, 2020, p. 91, grifo nosso).

A mística, ao ganhar tons transreligiosos, aponta que o contato com o divino ocorre por causa da busca do sujeito por um contato direto e factível com a outra esfera. Maria Clara Bingemer (2020) amplia a característica de possibilidade de sujeitos que possam ter essa vivência: o que outrora estava associado aos sujeitos em celibato e restrições religiosas dentro das instituições, com o decorrer do tempo, transpassa essas especificidades e deságua no cidadão comum. Logo, qualquer sujeito pode ter uma experiência mística, pois o divino está dentro da sociedade, rodando os cidadãos e suas estruturas e instituições.

Se a mística é união com o mistério divino, certamente esse divino não se encontra “fora” das coisas deste mundo. É aí que a mística, ética e política mostram mais claramente sua possibilidade de intersecção. Pois, se Deus, o sujeito maior da mística, se deixa encontrar em todas as coisas; se no mundo, tal como ele é, é possível experimentar sua presença inefável, então o agir humano na realidade está definitivamente “consagrado” e é parte integrante da esfera do sagrado e do divino (Bingemer, 2020, p. 92).

Assim, para a pesquisadora, existe uma descentralização da experiência mística vinculado ao espaço religioso, transmutando-se para o sujeito e para a sua própria experiência dentro da sociedade – em qualquer lugar e espaço, podendo atingir qualquer sujeito (Bingemer, 2020).

Como ocorre em “Perdoando Deus”, o conto se inicia de modo bem corriqueiro, com uma mulher andando na Avenida Copacabana, no Rio de Janeiro, pensando em nada e sentindo-se livre. Esse ponto de partida é semelhante às teorias apresentadas por Bingemer (2020), nas quais a experiência mística não precisa estar associada à igreja, logo, pode ser numa praia do Rio de Janeiro, entre edifício e mar:

Eu ia andando pela avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma *atenção sem esforço*, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que *estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais*, sem deixar de ser liberdade (Lispector, 2016, p. 403, grifo nosso).

O início do conto é também o começo da experiência mística, sendo perceptível a existência de um atravessamento entre as categorias do cotidiano e do místico, ou seja, é evidente o modo como as coisas ganham intensidade, como se fosse uma vivência construída aos poucos durante a caminhada. O movimento de andar está plasmado ao de

ter mais atenção, do perceber as coisas e da intensificação de tudo isso se explanar na sensação de liberdade. Existe um crescente sendo construído entre o caminho e a iminência da experiência mística.

Essas especificidades que são apontadas dentro da teoria sobre a mística contemporânea, e que são exemplificadas no início deste conto clariciano, já tinham sido sinalizadas pelo filósofo francês Georges Bataille (2016) ao escrever a *Suma Ateológica*, cujo ponto de partida é uma série de experiências místicas que o filósofo surrealista vivenciou durante a vida. Tais experiências estão descritas no livro *A experiência interior*, e mostram o contato assustado de Bataille desde a primeira vez até a compreensão da experiência mística, além de como controlá-la ou analisá-la depois de vivenciá-la.

Para Bataille (2016), a experiência interior seria esse contato com o divino que desestabiliza toda a verdade do ser, sendo colocada em questão pelo contato com o desconhecido.

A experiência é a colocação em questão (à prova), na febre e na angústia, daquilo que um homem sabe do fato de ser. Se, nessa febre, ele aprende alguma coisa, qualquer que seja, não poderá dizer: “eu vi isto, o que vi foi assim”; não poderá dizer: “vi Deus, o absoluto ou o fundo dos mundos”; poderá dizer apenas: “o que vi escapa ao entendimento”, e Deus, o absoluto e o fundo dos mundo não são nada se não são categorias de entendimento (Bataille, 2016, p. 34).

Então, de acordo com o filósofo, a experiência interior é marcada pela entrada no desconhecido, tentando entender e encaixar o que é experienciado em discursos totalizantes, mas falhando no percurso. Isso ocorre porque a experiência retira as estruturas e as verdades universais que sustentam o sujeito, o que resulta numa tentativa de tradução dessa vivência, mas é necessário usar a própria experiência mística como operador de leitura e de organização.

Portanto, no início do conto “Perdoando Deus”, a narradora consegue entender o que está acontecendo e nomeia as sensações que a “atenção sem esforço” (Lispector, 2016, p. 403) traz consigo, assim como a liberdade e a percepção sobre as coisas ao redor. Mas, tudo muda quando um sentimento se instaura na personagem, um sentimento que foge da compreensão: ser mãe de Deus.

Tive então um sentimento que nunca ouvi falar. Por puro carinho, mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. [...] O sentimento era novo

para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes apenas porque não tinha podido ser. *Sei que se ama ao que é Deus* (Lispector, 2016, p. 403, grifo nosso).

A maternidade para com o divino traz consigo uma nova forma de amor: o carinho. O sentimento de carinho surge como uma novidade para a personagem, pois ela está maternando Deus, uma figura que existe sem início, meio e fim¹, e, consequentemente, não precisou de uma mãe, pelo menos no dogma cristão no qual está inserido, sendo também descrito como onipotente, onisciente e onipresente².

Para além disso, o sentimento de amor apontado pela personagem do conto é importante para adentrar no desconhecido que se descortina na experiência interior, pois “não se faz amar antes de derrubar todas as coisas em nós como um vento violento” (Bataille, 2016, p. 35). Sendo assim, a personagem ama para ser desmontada pelo vento – o que ocorre no decorrer da narrativa, pois ela encontra um rato.

ENCONTRANDO DEUS NO RATO

Existe uma representação, além de uma relação constante, na produção literária clariciana com os animais, sendo estes personagens bastante recorrentes e importantes para o desenrolar da narrativa. Estando os bichos sob holofotes, o leitor possui caminhos para apreender possibilidades de significados que a presença destes seres tem no contexto das narrativas nas quais aparecem.

Em uma de suas crônicas, intitulada “Bichos”, Clarice Lispector (2018a) fala da distinção entre humanos e animais. Por ser uma constante dentro da produção clariciana, é perceptível que a escritora faz distinção entre bichos que são possíveis de contato, isto é, aqueles que são cuidados e tem uma estreita relação com o homem: “[...] Ter bicho é uma experiência vital” (Lispector, 2018a, p. 375); e aqueles outros animais que estão na possibilidade de mudar o ser e questionar a humanidade:

Mas às vezes me arrepio vendo um bicho. Sim, às vezes sinto o *mudo grito ancestral dentro de mim* quando estou com eles: parece que não sei mais quem é o animal, se eu ou o bicho, e me confundo toda, fico ao que apreço com medo

¹ Como é retratado no livro de Apocalipse 22: 13 “[...] Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Bíblia, 2017, p. 1107). Tal passagem marca a presença do retorno de Jesus no fim dos tempos, mas essas são características que se estendem para toda a Santa Trindade.

² O Salmos 139 retrata os atributos de Deus, esmiuçando as três características: Ele sabe de todas as coisas, está em todos os lugares e pode tudo. (Bíblia, 2017, p. 546).

de encarar meus próprios instintos abafados que, diante do bicho, sou obrigada a assumir, exigentes como são, que se há de fazer, pobre de nós (Lispector, 2018a, p. 375, grifo nosso).

Portanto, é dessa relação contacta entre animais e bichos que resulta no *grito ancestral* – que vem do fundo e é reprimido pelos discursos sociais –, atuando como gancho para compreender a imagem do rato morto que é pisado pela protagonista do conto. Esse contato não é díspar da experiência interior vivenciada no início do conto, pois, como compreende Bataille (2016), a experiência com o divino não é sinônimo de sentimentos bons, visto que perpassa por momentos bons e momentos complexos.

A experiência interior ocorre por meio da dissolução de um discurso normativo no qual o sujeito está estruturado, e a diluição desses pilares resulta numa nova junção de entendimento de mundo. De acordo com Bataille (2016, p. 38), ter esse tipo de vivência “vai ao extremo do possível. Já que ir ao extremo significa no mínimo isto: que o limite que é o conhecimento como fim seja transposto”.

O rato morto que é pisado pela protagonista marca o atravessamento de um limite, pois, até então, ela compreendia o que estava sentindo ou tentava nomear as sensações positivas que a experiência lhe trazia. Assim, ao pisar no rato sem vida, a personagem tenta se controlar e não gritar. O animal, por sua vez, tenta provocar o “grito ancestral” (Lispector, 2018a, p. 375) na protagonista, e, deste modo, começa a desestruturação da personagem:

[...] Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segunda estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. [...] Mas, a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo. O meu medo desmesurado de ratos (Lispector, 2016, p. 404).

É o rato que possibilita um novo entendimento do divino. O que outrora estava no campo do belo e das emoções boas, o rato surge para instaurar a destruição desse discurso da face bonita de Deus. Como explica Bataille (2016), é preciso a instauração de um objeto na experiência interior que destitua o poder da palavra, e esse objeto atravessa do exterior para o interior do sujeito. Isso ocorre por meio do questionamento da personagem sobre o motivo de ser um rato morto que cruza seu caminho:

[...] então não podia eu me entregar desprevenida ao amor? De que estava Deus querendo me lembrar? Não sou a pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue. [...] e para mim a palavra espiritual não tem sentido, e nem a palavra terrena tem sentido. Não era preciso ter jogado na minha cara tão nua um rato. Não naquele instante (Lispector, 2016, p. 404).

A imagem do rato é importante para compreendermos qual representação de Deus o conto está trazendo à tona, pois esse objeto é responsável por instaurar uma nova faceta do divino, levando a protagonista ao questionamento sobre o amor materno que sentira anteriormente. Na Bíblia, a imagem do rato está, em sua maioria, atrelada ao Antigo Testamento, sendo a sua primeira aparição em Levítico 11, quando Deus está listado para Moisés quais os animais que se pode comer ou ter uma relação de toque direta. O rato é classificado como impuro:

Dos animais que se move rente ao chão, estes vocês considerarão impuros: a doninha, o rato, qualquer espécie de lagarto grande, a lagartixa, o lagarto-pintado, o lagarto, o lagarto de areia e o camaleão. [...] Quem neles tocar depois de mortos estará impuro até a tarde (Bíblia, 2017, p. 96).

Num segundo momento, esse animal impuro e de proibido contato aparece como uma praga no primeiro livro de Samuel, sendo preciso fazer sacrifícios para amenizar a ira divina e, conseqüentemente, descontinuar a infestação de ratos na cidade dos Filisteus. Logo, é perceptível que, dentro da Bíblia, o rato estaria associado a algo negativo, como ocorre dentro da experiência mística narrada no conto “Perdoando Deus”.

Assim sendo, a protagonista do conto acaba por associar a figura paterna e divina a uma brutalidade de demonstração de sua presença: “[...] Então era assim? Eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto” (Lispector, 2016, p. 404-405).

Logo, a brutalidade e a forma áspera de se fazer presente mesclam-se com a imagem de Deus, àquela oriunda do Antigo Testamento, na qual o rato tem uma carga negativa – sinônimo de presentificação divina, mas com reprimenda –, e, além disso, a figura de Deus não aparece mais de forma direta.

Karen Armstrong (2008, p. 29), no livro *Uma história de Deus*, pontua que durante o Antigo Testamento existe uma mudança no modo como ocorrem as “epifanias”, isto é, as aparições divinas. O Deus, que antes aparecia de forma personificada, vai modificando

o seu modo de aparição – seja para uma voz, comunicando-se por meio de outros canais, ou até mesmo em sonhos –, chegando no contemporâneo de uma forma mais subjetiva para o sujeito.

E também, no Antigo Testamento, a representação de Deus é marcada por pragas, mortes e pela formação de guerras:

Esse é um Deus brutal, sanguinário, guerreiro – seria conhecido como Javé Sabaot, o Deus dos Exércitos. Passionalmente parcial, propenso a compadecer-se apenas de seus favoritos, não passa de uma divindade tribal. Quanto antes desaparecesse, melhor para todo mundo (Armstrong, 2008, p. 34).

Tudo isso nos remete à figura do rato, elemento que marca a representação divina que a protagonista do conto está lidando em sua experiência mística. Há, portanto, o questionamento do brutalismo, pois o Deus desse primeiro momento da Bíblia é marcado por justiça e ordem, limpando a terra da iniquidade. Em seguida, a atitude drástica de Deus nesta experiência ganha uma reação: a necessidade da protagonista de querer se vingar, mas não saber onde encontrar Deus.

[...] Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-Lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? No rato? Naquela janela? Nas pedras do chão? *Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais* (Lispector, 2016, p. 405, grifo nosso).

E, por meio dessa vontade de vingança de Deus, existe uma mudança de entendimento sobre o que estava acontecendo. A angústia da personagem surge, como um outro ponto dessa experiência interior que Bataille (2016) caracteriza como uma “inversão do saber absoluto”, visto que o sujeito começa a compreender aquilo que não tinha compreensão outrora, e isso resulta numa angústia.

[...] mas quem sabe, foi porque o mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também. Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil (Lispector, 2016, p. 405).

Assim, por meio dessa virada de chave, a personagem compreende que essa é uma das facetas do divino e que para compreender tal faceta é preciso entender a si mesma.

Logo, para entender a infinitude de Deus, é preciso conhecer a si próprio, pois, na experiência mística, empreende-se “um modo de conhecimento diferente, não discursivo, de tal maneira que a ilusão nasça de uma satisfação encontrada num além de nós da sede de conhecer existente em nós” (Bataille, 2016, p. 147).

Esse conhecimento ganha tons vibrantes com os “talvez” que surgem na parte final do conto, mostrando a existência da possibilidade e da imprevisibilidade de resolução, aspectos que a angústia traz consigo. A personagem entende que esse Deus, ao mostrá-la o rato morto e ruivo, mostra também uma parte dela – pois a compreensão do objeto é o que traz à tona a experiência mística, revelando também sobre a subjetividade do sujeito. Por isso, há a necessidade de perdoar Deus, pois o rato morto é uma de suas formas de aparecer, assim como outrora havia surgido por meio do sentimento da personagem de ser mãe de Deus:

[...] Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi meus crimes. [...] Talvez eu tenha que chamar o “mundo” esse meu modo de ser um pouco de tudo (Lispector, 2016, p. 406).

Portanto, é preciso entender quem é esse Deus e como ele está inserido dentro do sujeito. Logo, não sendo uma mera criação, e, por isso, a constatação final do conto: “Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe” (Lispector, 2016, p. 407), ou seja, para acessar essa infinitude de conhecimento divino é preciso entender a si e entender de forma relacional (com aproximações e distâncias) o sujeito e a ligação com a esfera divina.

Assim sendo, no momento de vingança, Deus não estava dentro dela; existindo, no final, a possibilidade de que esse ser divino esteja habitando nela, pois existe a chance de não mais inventar Deus.

É sobre esses conhecimentos recalcados que a experiência interior traz consigo; modificando quem vivencia (Bataille, 2016) e modificando o seu entendimento de mundo, como ocorre com a personagem do conto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo analisou o conto “Perdoando Deus”, da escritora Clarice Lispector, que compartilha o traço comum da produção literária clariciana da década de 1970: o teor autobiográfico. Assim sendo, este artigo compreendeu que o conto supracitado retrata uma experiência mística – o contato com Deus – que a protagonista vivencia ao andar pelas ruas do Rio de Janeiro.

O conto narra o percurso místico que a personagem vivencia ao se sentir próxima de Deus, mas tem essa sensação boa interrompida ao se deparar com um rato morto na calçada. Esses sentimentos conflitantes colocam em questão as verdades cristalizadas na personagem, resultando, assim, numa quebra dessas estruturas diante de uma experiência mística cujo contato com o divino ocorre de forma visceral.

Este artigo interpretou o conto como uma experiência mística, trazendo para o jogo interpretativo as teorias do filósofo francês Georges Bataille (2016). Em seguida, elencou-se uma das muitas representações contidas na Bíblia sobre a figura divina, sendo perceptível as múltiplas representações de Deus nos livros bíblicos. Deste modo, o contato que a personagem do conto tem como o divino retrata uma das muitas imagens de Deus, e a experiência interior possui essas especificidades, pois existe uma tentativa por parte de Bataille (2016) em entender que tais experiências ocorrem de modo cotidiano.

Portanto, é possível analisar a literatura com o aporte de teorias e dogmas religiosos, compreendendo que a temática da literatura e da religiosidade não são disjuntas e nem se anulam. De fato, o que pode ocorrer é uma complementariedade na qual as duas instâncias ganham novos tons e novos desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior: Seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica*, vol. 1. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

BINGEMER, Maria Clara. Impactos sobre a antropologia e a teologia. In: PINHEIRO, Maria Clara Bingemer; CAPPELLI, Márcio (Orgs.). *Mística e ascese: da tradição platônica à contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2020, p. 89-106.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Tradução: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LISPECTOR, Clarice. Perdoando Deus. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 403-407.

LISPECTOR, Clarice. Bichos (I). In: *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018a, p. 373-376.

LISPECTOR, Clarice. Submissão ao processo. In: *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018b, p. 544.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Recebido em: 10/01/2023

Aceito em: 20/05/2023

Douglas Santana Ariston Sacramento: Doutorando em Estudos Etnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (Pós-Afro/UFBA). Bolsista CAPES. Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA). Bacharel e Licenciado em Língua Estrangeira Moderna na UFBA.